



Ensaio

Série Supimpa

Fernando Franciosi*

¹ Artista plástico; mestrando em Sociologia pela UNB.

Registro fotográfico de intervenções realizadas em Brasília, na asa norte, em 2014. Desenhadas e recortadas à mão sobre vinil adesivo, tal proposta refere-se a uma pesquisa pessoal tipográfica e de palavras em desuso. Quando morrem ou abandonadas, tais expressões levam consigo seus significados e mundos. Estas pequenas transgressões lúdico-afetivas irrompem nas ruas a partir do fator surpresa e, frequentemente, provocam algumas questões e muitos ruídos: É arte? É *design*? É oficial? É brincadeira? É micropolítica? É subversão ou faces do capitalismo artista? (rs).

As intervenções urbanas dizem respeito às proposições verbo-visuais que utilizam como suporte e ambiente laboratorial os espaços públicos e interstícios das metrópoles. É nesta espacialidade informal do cotidiano que tais expressões, abrangendo de ínfimas inserções a instalações monumentais, interagem não só com o mobiliário e a paisagem imagética, mas com toda a dinâmica e estados psíquicos do modo de vida urbano. No decorrer de um longo percurso de engajamento entre arte e vida mundana – sobretudo a partir da criação dos primeiros *ready mades* e colagens

– as intervenções também se diversificaram principalmente nas duas últimas décadas. Se o início da arte pública dos anos sessenta e setenta, no Brasil, foi marcado fortemente por ações individuais e pelo teor político dado o alvo em comum para onde convergiam as ações, ou seja, o esforço pela redemocratização do país e a busca de alternativas para fintar as limitações e precariedades locais do circuito artístico, hoje as intervenções possuem a presença acentuada dos coletivos de arte, o uso intensivo das tecnologias digitais e uma multiplicidade de modos de operar e reivindicações das mais diversas naturezas e temas. Nota-se que a desmaterialização simbólica fomentada especialmente pela arte conceitual passou a conviver com uma grande produção de objetos artísticos e um eixo unificador: a lógica da desdiferenciação entre as esferas econômicas e estéticas.

Na hibridez das intervenções – que mesclam artesanaria manual, mídias digitais e participação performática – talvez residam os elementos que a singularizam e tensionam não só as categorias de identidade artística e artísticidade, mas visões unilaterais sobre o



assunto como o anonimato e a efemeridade que a rua comumente pressupõe. O ato intervencionista transborda o campo das artes visuais e pode engendrar novas formas de subjetivação, de associação e participação leiga no espaço público, sobretudo, a partir de três fatores: simplificação formal pelo uso generalizado das técnicas do *stencil* e do *lambe-lambe*; baixo custo de produção e a diluição do valor de raridade e autoria. Não é difícil encontrarmos “obras” disponíveis para o *download* gratuito. Considerando o crescimento e a expansão de tais práticas nos principais centros urbanos mundiais, a produção textual sobre o assunto ainda confere uma leitura predominantemente focada no viés crítico institucional ou de resistência ativista. Muito se fala sobre disputa de imaginários, mas pouco sobre possíveis questões hedonistas, do direito à cidade, da construção e desconstrução de narrativas. Intervir no espaço público sem dúvida é um ato político, mas se faz necessário discutirmos o quanto este sentido se constrói por múltiplas vias e é menos programático do que parece sugerir tal afirmação. Ignora-se assim aspectos de uma prática que é realizado muitas vezes no instante e calor da situação, portanto, pouco calculada e bastante catártica no caso dos coletivos ou quando entre amigos.

Em última instância, se gravar é fazer permanecer significados ou deixar uma marca com finalidade de comunicação, por que o indivíduo opta em se comunicar a partir da imprevisibilidade e ilegalidade da rua e não somente da segurança e comodidade das redes de computadores? Até que ponto e de que maneira o capital cultural interfere na apreensão e ressignificações das propostas? Como breves fissuras podem instaurar proximidade, pertencimento e experiência? Sem um olhar atento ao esmaecimento da grande metarranativa da história/sociologia da arte, assim como às interpenetrações entre os planos subjetivo, socioespacial e histórico, dificilmente problematizaremos satisfatoriamente as nuances e a complexidade dos mecanismos e escolhas que o fenômeno envolve.











